

Cabeçadas inadvertidas

Pedro Paulo V. Alonso Azevedo

O dramaturgo Bertold Brecht disse certa feita que "todos reparam a violência das águas dos rios mas não a das margens que as comprimem". Tal assertiva serve a meus propósitos. Todos puderam reparar a violência do boxeador-fera Mike Tyson, mas talvez não possam notar a violência que grassa às margens desse fenômeno do box.

Ring (do inglês) significa anel, círculo, circo, arena. Portanto, e isso não é novidade, o box nada mais é que uma expressão atenuada dos tão famosos "esportes de arena" da história do homem. Populares na Roma antiga, na época das cruzadas ou mesmo nas recentes touradas espanholas. As arenas dos leões versus cristãos. Os rings onde gladiadores e cavaleiros medievais lutavam até a morte. Já era possível mesmo naqueles tempos notar também a violência da urbe excitada com os golpes e cabeças que rolavam. Podemos notar também hoje, mas não naquela época volto a repetir, a violência imperial de Cesar Augustus que dependendo inteiramente de sua subjetividade, de sua violência aplacada ou insaciada, direcionava o polegar para cima ou para baixo, salvando ou não o lutador de seu extermínio. O que é preciso sublinhar é que naqueles tempos o que se passava às margens, na platéia, era tido como natural.

Senão vejamos: de um lado o Justo, o cristão, Evander Holyfield. De outro, a Besta o anticristo, o Leão. O desviado das ruas do Brooklyn, dos reformatórios da vida, Mike Tyson. E então o momento tragicômico. Sim, porque a maioria das pessoas que assistiram na TV "a fera voar nas orelhas do justo", e que vieram comentar o episódio, oscilavam dos risos nervosos à excitação. Nenhuma com franco pesar. Evidente aquelas que ficaram abatidas ou chocadas, mas não me parecem o comportamento predominante. Será então que só tenho amigos e parentes sádicos? Não. Não creio. Gente que perdeu o sono de tanto rir. A "besta leonina cuspidor na arena o fragmento auricular e o cristão pulando de dor e revolta". Não. Eu não creio na má índole dessas pessoas. É que, da mesma forma que a platéia das arenas do passado não se dava conta do papel que desempenhava no circo sangrento, não podemos notar também o quanto estamos envolvidos nos ringues brutais da nossa vida esportiva e civil. Parcerias silenciosas de espectadores e lutadores. Torcidas organizadas e edmundos animais, que apesar dos crimes que pairam sobre os ombros vergam a camisa do selecionado. Isto é, aquilo que de melhor temos. Irônico não? Não. Lucro.

O mesmo poderia, se dizer de outro exemplo triste e recente que causou grande comoção à nação. O "acidente" que vitimou de morte Ayrton Senna. Literalmente imolado em Ímola no círculo da Fórmula 1. É difícil imaginar o que pode acontecer quando dispositivos de se-

gurança dos carros são retirados pela Fisa enquanto os "giros" dos turbos aumentam em circuitos perigosos? E lá ia nosso mártir-herói correndo disparado na frente de todos com seu "carro nervoso" como ele próprio se referiu. Caminhava sem se dar conta para sua própria morte. Auto-extermínio inconsciente num auto auto-descontrolado em alta velocidade. Mas apesar da tragédia, e isso que é duro de admitir, aumenta-se o interesse coletivo inconsciente pelos esportes de arena. A telinha repete sem cessar as cenas do acidente espetacular. E os telespectadores envolvidos no circo incapazes de desligar o vídeo, fruem o tenebroso fantástico da vida e morte.

É evidente que não estou querendo dar uma do "soldado do passo certo". Afinal não sou diferente dos meus irmãos de humanidade. Nem, o que seria paradoxal, descarregar meu sadismo por meio de palavras macabras. O que busco, procurando ser decente, é admitir a minha parcela de responsabilidade nessa história toda. Penso que contribuo para os interesses da civilização quando crio algo para ser refletido e criticado. Pois como disse Freud "tudo aquilo que alimenta o progresso da civilização trabalha ao mesmo tempo contra a guerra". Portanto o que necessitamos não são de patéticos personagens "preocupados" com a evitação das guerras, e sim de todos aqueles dispostos efetivamente a contribuir para o crescimento dos valores civilizatórios. E penso que não é civilizado, nem decente, sendo mesmo uma atitude belicosa deixar sozinho no banco dos réus o Leão, enquanto os que gozam e se locupletam até as orelhas não arrancadas com seus poderosos golpes e prestígio, estão operando livremente novos espetáculos de sangue e arena. E lucro. Excitam a fera que se arrisca e nos bastidores do risco passam por justos. Enquanto o Leão mostra os dentes, abocanham nos subúrbios da moral o lucro que o animal movimentam. Que os edmundos animais movimentam. O nosso não andou dando uma de animal de propaganda gerando lucro? Tem, todos sabemos, seus traços psicopáticos estimulados ao invés de depreciados. Loucura não? Não. É lucro mesmo.

Se como demonstrou a psicanálise os instintos agressivos não podem ser subestimados ou ignorados. Se é inverídico, apesar da crença dos pios, que tais instintos inexistem na alma dos justos. Então, não se pode evitar que os "esportes de arena" continuem existindo. E nesse sentido meu artigo é inteiramente inofensivo.

Me darei por satisfeito se minhas palavras servirem aos leitores para lembrar que admitir a existência em nossas almas dessa agressividade já nos coloca no caminho da civilização. Repartindo com Mike Tyson nos-

Tribuna

DE PETROPOLIS

ribo, 12 de julho de 1997

Ano XCV • Nº 228

sa responsabilidade de platéia poderemos ser mais eficazes no controle, mesmo que precário, da brutalidade desnecessária que, para nosso pesar a comunidade humana não repara e nem repara.

Não podemos ser tão ingênuos de acreditar em cabeçadas justas e "inadvertidas" que "acidentalmente" se repetem e se repetem, onde supercilios se abrem gratuitamente assinalando, a priori, o resultado da contenda. Pois alguém duvida que o Justo ia bater só no rasgo? Ou inspirado por seus cânticos religiosos pouparia o olho caridosamente?

Seria negar a existência do inconsciente. Inconsciente muitas vezes cabeçudo que fica no caminho de supercilios assanhados que se movimentam em alta velocidade. Cabeçudo como o muro da curva tamborello numa espera inadvertida pelo bôlido funerário de Senna. Obstrução que o juiz não viu, nem poderia ver, e não marcou a falta.

Holyfield (o Cristão) cumpriu seu papel. Tyson (o Leão) o seu. Pagaram ambos os seus tributos na arena. Um com orelha esfacelada o outro trucidado pela opinião pública. E a platéia está disposta a pagar sua pequena cota já que leões e cristãos não se defrontam por vontade própria? O que não podemos esperar é que as feras que mordem o lucro e transitam por debaixo da lona se mexam. Pois como canibais camuflados já sabem, a priori, o resultado da luta. Lucro certo.

Cabe a nós a decência de reconhecer nossa posição marginal. Cada um como minúsculas partes formamos as margens que muitas vezes tornam as águas violentas. Admitindo nossa inadvertida marginalidade poderemos compreender as inadvertidas cabeçadas e a falta de justiça que representa eleger um marginal que pague o pato sozinho, enquanto os cesares devidamente advertidos, os Dom X, King Y e seus asseclas exigem a ferocidade subterrânea de seu capitalismo selvagem.

Veríssimo na revista de domingo passado do JB relaciona o episódio com nossa realidade social onde o custo dessa realidade é tratado receitando aos pobres mais austeridade, aos trabalhadores bom senso para que troquem proteção social por uma riqueza vindoura. Ou seja "continuar batendo no supercilio que já está sangrando". Onde "crueldade virou flexibilização de mercado de trabalho".

Ou compreendemos como percebeu Veríssimo que está em curso uma "degradação do sentido das coisas" avassalando "uma humanidade que não se choca com mais nada" ou continuaremos inadvertidamente condenando sujeitos que dentro dessa selva capital cabem o papel de virar feras. Ou será que alguém, sinceramente, quer Tyson fora dos rings?